

## **Raça e classe na repercussão pelo Instagram do assassinato de Edson Carlos Ribeiro, Divinópolis-MG<sup>1</sup>**

Talita Vasconcelos BRANDÃO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais, MG

### **RESUMO**

O artigo visa sintetizar o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). O corpus analisado será a repercussão da morte do segurança Edson Carlos Ribeiro a partir dos comentários postados no Instagram do Jornal Agora de Divinópolis-MG. Ao iniciar a investigação, fez-se necessário abordar a matriz comunicacional do Dispositivo de Racialidade. A metodologia investigou os debates sobre o caso pelo binômio de classe e raça. Os resultados da pesquisa mostraram a naturalização do racismo na repercussão do caso e a valorização do trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comentários; Repercussão; Trabalho; Racismo; Comunicação.

### **Introdução**

O artigo em questão tem o intuito de revisitar as discussões do Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela professora Janaina Visibeli Barros, na Universidade do Estado de Minas Gerais: “Repercussão Virtual Da Morte De Edson Ribeiro Em Divinópolis- MG” (BRANDÃO, 2023).

No dia 25 de setembro de 2021, no Parque de Exposições de Divinópolis-MG, o segurança Edson Ribeiro, um homem negro de 42 anos, morreu após ser agredido por Pedro Lacerda, um homem branco de 32 anos presente no evento. Conforme as primeiras informações da Polícia Militar, o segurança repreendeu o convidado do evento, o que resultou na agressão. Com a chegada da polícia, o suspeito foi preso em flagrante por lesão corporal seguida de morte. O caso atraiu a atenção da mídia nacional e foi noticiado em diversos jornais. Nas redes sociais, a *hashtag* #justiçaporedson foi criada. Por outro lado, amigos do agressor também mobilizaram as redes, criando um perfil no Instagram em apoio a Pedro Lacerda.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda de Comunicação do PPGCOM-UFMG, email: [talitabrandaoufmg@gmail.com](mailto:talitabrandaoufmg@gmail.com)

---

Considerando a seriedade do caso e a repercussão gerada, tornou-se viável documentar as discussões levantadas após a morte de Edson Ribeiro. Para análise da repercussão da morte de Edson Ribeiro, foram coletados os comentários presentes no perfil do Instagram do Portal Agora nas postagens sobre o fato.

### **Metodologia**

Para esta análise foi utilizado o *software voyant-tools*, que permitiu a produção de nuvens de palavras a partir das quais foi possível observar as principais palavras-chave mobilizadas nos textos. Nas redes sociais do Jornal Agora até o inquérito policial, o caso trouxe 157 comentários em 10 publicações sobre o fato. Durante os dias 31 de março a 12 de abril de 2022, os comentários de cada uma das 10 postagens foram coletados do Instagram do Portal Agora e separados em uma planilha Google. Nesse momento, usou-se o *software voyant-tools* para observar os principais termos mobilizados nos comentários planilhados.

Dos 157 comentários coletados na monografia, o artigo em questão apresenta a relação entre os principais termos apontados na nuvem de palavras e as postagens em que se encontraram. Ademais, o foco do texto é nos 27 comentários que tratam sobre classe e raça, sendo usadas palavras-chave que mobilizam essa discussão, sendo “racismo/raça”, “dinheiro”, “segurança/trabalhador” e “playboy/almofadinha”.

A partir da produção de debates dos usuários-comentadores, perguntamos: Como o racismo é tratado nos comentários sobre o caso, visto que um homem negro foi morto durante o trabalho? Como é observada a relação entre classe e raça nas discussões que ocorreram nos comentários?

### **Fundamentação teórica**

Partimos do conceito de dispositivo em Foucault (2022). Nas relações de poder da sociedade, o dispositivo é um conjunto heterogêneo de discursos, leis, epistemologias, instituições e organizações que se estabelecem em rede e dizem sobre uma urgência. O dispositivo sempre visa a dominação e na biopolítica ele é voltado para a gestão da vida. No biopoder, o direito de matar também é presente, ele atua pelo racismo de estado. Sueli Carneiro (2005) atualiza este conceito ao afirmar:

Foucault, em sua análise do racismo estava focado principalmente na análise da experiência alemã, do holocausto judeu. Não considerou, no entanto, o racismo enquanto dispositivo de poder de sociedades multirraciais nas quais

---

ele opera como um disciplinador, ordenador e estruturador das relações raciais e sociais. Enquanto dispositivo disciplinar das relações sociais, institui relações raciais como complexificação das relações sociais, amalgamando às contradições de classes, as contradições de raças. (Carneiro, p.70, 2005)

No contexto brasileiro, a raça é uma categoria fundamental que influencia as relações sociais. Conforme explicado por Sueli Carneiro (2005), ao discutir o Dispositivo de Racialidade, durante o processo de colonização as técnicas disciplinares moldaram a percepção dos não-brancos como seres inferiores, desprovidos de direitos. O Dispositivo de Racialidade age, além da subalternização, por meio do direito de deixar morrer e fazer viver. O dispositivo de racialidade, portanto, é uma estrutura de controle que permeia a sociedade, visando promover o poder dos brancos e a marginalização dos negros.

É importante destacar a função do dispositivo de nomear do poder. O racismo é um sistema social, sendo assim ele se apresenta através das relações e por tanto interações. De acordo com Pamela Guimarães (2021), compreender a matriz comunicacional da raça requer, antes de tudo, uma compreensão do conceito de comunicação. A autora destaca três dimensões fundamentais desse fenômeno: a interação entre sujeitos, a atribuição de significados e o contexto sociocultural. Essas dimensões, delineadas por Guimarães, são guiadas pela ideia de que a comunicação implica na criação de códigos e na realização de inferências, como observado por Luiz Braga (2020). Tais dimensões estão situadas dentro do Dispositivo de Racialidade, esse dispositivo é responsável por nomear e perpetuar o poder, revelando assim sua base comunicativa. “Com isso em mente, entendemos que existe não apenas um dispositivo e racialidade, mas um dispositivo interacional de raça.” (Guimarães-Silva, 2021, p.69)

No cenário de racismo nas interações, percebe-se que as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs<sup>3</sup>) contemporâneas, frutos da internet, também podem atuar a favor da sistematização do racismo na sociedade. De acordo com Tarcisio Silva (2022), "A estrutura técnico-algorítmica pode facilitar manifestações de racismo mas, ao mesmo tempo, as manifestações de racismo são fonte e conteúdo para aspectos da estrutura técnica". Nas interações do racismo cotidiano, as tecnologias contemporâneas

---

<sup>3</sup> as tecnologias são dispositivos de poder que não podem ser desconsiderados. Ao incorporarem em seu design, em sua arquitetura e em seus códigos as determinações, interesses e perspectivas daqueles que a desenvolveram, as tecnologias podem destruir ou ampliar direitos. As tecnologias da informação e comunicação fazem parte de contenciosos tecnopolíticos. A internet e seus dispositivos são elementos cruciais das disputas econômicas, sociais e culturais do século XXI (SILVEIRA, 2017, p. 85)

de informação e comunicação têm remodelado e refinado as práticas discriminatórias comuns. A manutenção do racismo na sociedade é sistematizado nas interações mediadas pelas mídias digitais. Pesquisas anteriores sobre os marcadores textuais específicos em torno de questões raciais mostram um esforço virtual para a diluição do debate racial. Segundo Tarcízio Silva (2019), dentre o racismo vivenciado pelas plataformas digitais, também contempla a falta de representatividade de pessoas negras, a negação de realidades raciais e a defesa da “democracia racial” encontra-se como uma das principais formas do Racismo Algorítmico. Essa ideologia é usada para invisibilizar atitudes racistas e deslegitimar produção de conhecimento por pensadores, pesquisadores e ativistas negros.

Observar como os públicos nas plataformas digitais majoritariamente atuam na fixação e não no combate do racismo sistematizado é marcante para análise da formação do racismo na sociedade brasileira. Com base nos comentários publicados no Portal Agora sobre o assassinato de Edson Ribeiro, o artigo analisa na morte de Edson Ribeiro o que é negado ou legitimado no debate digital.

### **Principais Resultados**

Através da nuvem de palavras, gerada por *software*, percebe-se que os 4 principais termos mobilizados dizem respeito à moral cristã, sendo eles, “justiça”, “família”, “deus”, “amor”. “Justiça” é termo mais utilizado nos comentários de repúdio ao assassinato. Nesses casos, a “justiça” foi associada a “deus” e colocada como alternativa ao resultado do inquérito no qual Pedro Lacerda foi absolvido por falta de sinais de homicídio, segundo a polícia. Os comentários também trazem palavras de conforto à viúva de Edson. Nesses comentários o termo “deus” também é priorizado. Vale ressaltar que a maioria das vezes que estes termos aparecem foi nas publicações que apresentam a Ana Paula, esposa de Edson Ribeiro. Nos diálogos estabelecidos sobre a morte de um homem negro durante seu serviço, o discurso majoritário presente no caso explora a moral com signos sobre “deus”, “amor” e “família”.

Ao analisar os comentários relacionados à raça e classe, percebe-se que 59% dos comentários não abordam a conexão entre a morte de Edson e questões raciais. 24% nega ativamente o racismo, como exemplo do comentário “Quem falou que foi crime de racismo? Estão promovendo é mais ódio ainda, cambada de sem noção!!!”. (Brandão

T., 2023, p.39). Apenas 16% dos comentários expõe a dimensão racial do acontecimento. Entender a gravidade da negação das realidades raciais na manutenção do racismo é essencial, visto que ignorar o problema também é perpetuá-lo. Nos comentários analisados, o comportamento discursivo reproduz a invalidação das realidades raciais.

É interessante notar que essa invalidação não afasta a sensibilização dos usuários diante do caso, ao contrário, enquanto não reconhecem o racismo, se revoltam com a morte por conta de outro paradigma levantado, a luta de classe. Dos comentários categorizados em classe e raça, 70% cita questões de classe. Deles, 21% dos comentários trazem o debate racial. Ao relacionar os termos presentes na tabela, é visível como as discussões invadem uma a outra.

Dentre as estruturas que mantêm o racismo e afastam pessoas negras do poder, o capitalismo se apresenta como sistema de exclusão e subalternidade da população preta. A relação da negritude e o capital são desenvolvidos desde o colonialismo, no qual a mão de obra negra foi explorada e escravizada, para barateamento da mão de obra e garantir o acúmulo de capital, porém o fim da escravidão não significou a integração do negro na nova configuração capitalista. Nesse contexto, a negação do racismo não só deslegitima a desigualdade no Brasil e seu histórico, como coloca a marginalização de pessoas negras na responsabilidade pela desigualdade econômica enfrentada. Sobre isso, Santos (2015, p.107) afirma que:

Os trabalhadores brancos, ao não reconhecerem o racismo como um dos fatores determinantes de desigualdades no Brasil, além de não atacar uma teoria de legitimação e reforço histórico do capitalismo, acabam por naturalizar a condição da população negra como consequência de uma formação educacional inadequada ou mesmo de inaptidão para o trabalho.

Dessa forma, fica claro que a caracterização de Edson Ribeiro como trabalhador e transformação desse sentido na razão principal de injustiça diante do fato apresenta uma raiz meritocrata, pois coloca o valor de Edson prioritariamente em seu trabalho. Assim, a alteridade dos usuários-comentadores e humanização de Edson é condicionada pela naturalização do racismo e o engrandecimento do trabalho nos comentários. Isso deslegitima o impacto da estrutura capitalista racista nas relações sociais e, neste caso, no assassinato de Edson Ribeiro.

---

Percebe-se também como a repercussão está circunscrita em um contexto social racista e nos comentários o público vai de acordo com esse sistema ao negar o racismo. Na invalidação das realidades raciais, os comentários mostraram a naturalização do racismo. Tais comentários materializaram os estudos de Almeida (2019) sobre o racismo institucional, assim como mostraram uma inversão de valores que transformaram a luta antirracista em oportunismo, segundo os usuários. A agressão e morte de Edson Ribeiro são vistas como uma tragédia, mas não é entendida por parte da comunidade como um problema da sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019.
- BRAGA, J. L. **Uma conversa sobre dispositivos**. Belo Horizonte, MG: PPGCOM/UFMG, 2020.
- BRANDÃO, T. Repercussão Virtual Da Morte De Edson Ribeiro Em Divinópolis- Mg. Divinópolis, 2023. 55p. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Estado de Minas Gerais
- CARNEIRO, A. S. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- GUIMARÃES-SILVA, Pâmela. De Lélia Gonzalez a Marielle Franco: mulheres negras e seus processos comunicacionais interseccionais de resistência. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- SANTOS, Rosenverck Estrela. **O marxismo e a questão racial no Brasil**: reflexões introdutórias. Lutas Sociais, São Paula, vol 19 n. 34. 2015
- SILVA, Tarcízio Roberto da. **Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais**: microagressões e discriminação em código. Anais do VI Seminário Internacional LAVITS. 2019.
- SILVA, Tarcízio. **Racismo Algorítmico**: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições Sesc, 2022